

## Le soleil sur ma tête: o livro de contos de Geovani Martins em tradução francesa

Elton Edvik

Centro de Formação Artística e Tecnológica da Fundação Clóvis Salgado  
(Cefart-FCS)

eltonedvik@gmail.com

O escritor carioca Geovani Martins, nascido em 1991, publicou “O sol na cabeça”, seu primeiro livro, pela editora Companhia das Letras em 2018. Nascido em Bangu, zona oeste da capital fluminense, Martins saiu de seu bairro de origem aos 12 anos para viver no Vidigal e, em seguida, na Rocinha, ambos na zona sul do Rio de Janeiro. Tendo estudado até a 8ª série, atual 9º ano do ensino fundamental, o escritor costuma dizer em entrevistas que sua introdução à leitura de grandes nomes da literatura brasileira se deu na escola: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado e Graciliano Ramos são sempre citados.

“O sol na cabeça” (2018) reúne treze contos circunscritos em contextos periféricos da cidade do Rio de Janeiro. Tendo vivido toda sua vida em favelas das zonas oeste e sul cariocas, Martins esteve sempre imerso no modo de operação e na cultura desses locais. Tal vivência o possibilitou escrever sobre o morro sem sair de seus limites.

O trabalho de Martins rompe com a exotização das favelas e de seus moradores, pois discute a rotina de pessoas que convivem com a violência, as drogas, a pobreza e o descaso público sem ser panfletário e sem romantização. O narrador vive aquela realidade e, por isso, não oferece um relato etnográfico criando estereótipos. Martins nega-se, inclusive, a expor a etnia de seus personagens, levando o leitor a questionar seu próprio imaginário construído a partir de um lugar-comum.

A linguagem de “O sol na cabeça” é marcada pela oralidade, sobretudo no conto “Rolézim”, mas também por um português escorreito e ao mesmo tempo poético: “a linguagem não normativa está a todo momento mudando, assumindo, modificando e intensificando certas particularidades linguísticas que a tornam um animal vivo e arisco, que por nada se deixa domar” (PIMENTEL, 2020, p. 259).

Responsável pela versão em língua francesa de “O sol na cabeça”, Mathieu Dosse (1978- ) é mestre e doutor em Literatura Comparada pela Université Paris VIII Vincennes-Saint-Denis. Filho de mãe brasileira e pai francês, Dosse teve contato desde cedo com as línguas portuguesa e francesa. Tornou-se tradutor logo após o doutorado, ao propor a tradução do livro “Estas Estórias” de Guimarães Rosa para a editora Chandeigne.

“O sol na cabeça” já foi lançado em mais de dez países e teve os direitos para o cinema adquiridos pelo cineasta Karim Aïnouz (1966- ). A versão em língua francesa foi publicada pela editora Gallimard em 2019. O nome de Mathieu Dosse, o tradutor, aparece na capa da edição francófona, ainda que numa fonte de tamanho diminuto e escondido por uma sobrecapa removível.

Para discutir o trabalho feito por Dosse ao traduzir o livro de Geovani Martins é preciso levar em conta suas principais referências no campo dos estudos da tradução. Dosse se diz um grande leitor de Henri Meschonnic (1932-2009), poeta e teórico da tradução francês, mas afirma que em seu trabalho como tradutor procura esquecer tudo o que sabe sobre teoria da tradução e concentrar-se no texto original.

Para Meschonnic, a tradução é a “melhor testemunha da implicação recíproca entre a historicidade e a especificidade das formas da linguagem como formas de vida. Com sua ética e sua política” (MESCHONNIC, 1999, p. 4). Por “política da tradução”, o teórico entende a relação entre identidade e alteridade procurando reconhecer a interação entre elas (FERREIRA, 2012, p. 99). Assim, Meschonnic não está em busca da verdade, mas do sentido.

Ao traduzir “O sol na cabeça”, Dosse, ainda que de forma inconsciente, lança mão das teorias de Meschonnic, sobretudo no que diz respeito à poética. Ao trabalhar com textos de escrita tão particular, como é o caso da obra de Martins, Dosse acaba por transformar o ato de traduzir em uma reescrita do texto. O tradutor reescreve a obra, sobretudo, por conta da dificuldade de encontrar termos equivalentes às tantas gírias e expressões idiomáticas presentes no texto original.

Outra dificuldade enfrentada por Dosse foi o ritmo. O texto de Martins (2018) é sonoro e musical. É quase impossível lê-lo sem ouvir o sotaque carioca ao fundo. Neste caso, também pode-se identificar a influência de Meschonnic em Dosse. O tradutor opta por oferecer ao leitor um sentido, ainda que perca o ritmo. Se há uma passagem no texto original com termos vulgares, Dosse busca na língua francesa, sobretudo na língua falada nas periferias de Paris, um termo equivalente. Tal preciosismo foi necessário devido à formalidade da língua francesa escrita em oposição à informalidade e oralidade do texto original. Para Meschonnic:

É que o ritmo não é – ou não é mais (de fato, jamais foi) – somente uma sucessão de acentos de intensidade, se ele é a organização da fala na escrita. Ele é a organização do contínuo. Inclui, assim, algo que em si não tem nada de novo, todos os efeitos de sintaxe. (MESCHONNIC *apud* MARTINS, 2022, p. 189)

É possível que, em alguns casos, o tradutor não possa renunciar ao ritmo. É o caso da tradução de poesia. Já os textos em prosa possibilitam aos tradutores muitas vezes atentar-se mais ao sentido que ao ritmo.

Em alguns casos, a língua francesa impõe alterações até mesmo de sentido. É o caso do título da obra de Martins: “O sol na cabeça”. Na publicação francesa, Mathieu Dosse traduziu para “Le soleil sur ma tête”, renunciando à impessoalidade do título em português ao utilizar o pronome possessivo “minha”. A solução encontrada por Dosse parece adequada tendo em vista a dificuldade de construir frases impessoais em língua francesa. Uma possibilidade seria “Le soleil sur la tête”, porém a preposição “sur” (sobre) não contempla a ideia do título em português. O sol não está sobre a cabeça e sim na cabeça.

Na passagem do conto “Rolézim” citada acima, é possível entender as soluções utilizadas por Dosse:

Original	Tradução
Chegamo na praia com o sol estalando, várias novinha pegando uma cor com a rabeta pro alto, mó lazer. Saí voado pra água, mandando vários mergulho neurótico, furando as onda. A água tava gostosinha. Nem acreditei quando voltei e vi o bonde todo com mó cara de cu. O bagulho era que tinha uns cana ali parado, escoltando nós. Tava geral na intenção de apertar o baseado, e os cana ali. Esses polícia de praia é foda (MARTINS, 2018, p. 12).	Quand on est arrivés à la plage, le soleil tapait fort, y avait plein de demoiselles qui bronzaiement le cul à l’air, un vrai kif. J’ai tout de suite couru vers la mer, avec des plongeurs trop stylés, qui crevaient les vagues. L’eau était trop bonne. J’ai rien compris quand je suis revenu et que j’ai vu tout le monde qui tirait une sale gueule. La merde, c’était qu’il y avait des keufs là, debout, qui faisaient le guet. On avait tous envie de se rouler un oinj, et les condés, ils étaient là. Ces flics de plage sont des salauds. (MARTINS, 2019, p. 12-13)

Como traduzir passagens como “com a rabeta pro alto”, “mó lazer” ou “mó cara de cu”? A dificuldade não está em traduzir palavra por palavra, mas o tradutor, aqui, entende seu papel ao reescrever em francês o sentido do texto original.

Dosse, assim, poderia ter mantido algumas gírias, expressões idiomáticas e neologismos do texto de Martins explicando-os em notas de rodapé ou

oferendo um glossário no final do livro. Em vez disso, sua proposta foi encontrar equivalentes que mantivessem o sentido e a fluidez do texto. Um trabalho que exige domínio das línguas, entendimento das culturas e sensibilidade.

## REFERÊNCIAS

FERREIRA, A. M. A. Noções fundamentais para se pensar a poética do traduzir de Meschonnic. **Traduzires**, Brasília, v. 1, n. 1, p. 95-102, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/traduzires/article/view/20900>. Acesso em: 13 jan. 2024.

MARTINS, Geovani. **O sol na cabeça**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MARTINS, Geovani. **Le soleil sur ma tête**. Tradução: Mathieu Dosse. Paris: Gallimard, 2019.

MARTINS, Maria Silvia Cintra (Org.). **Henri Meschonnic: ritmo, historicidade e a proposta de uma teoria crítica da linguagem**. Campinas: Mercado de Letras, 2022.

MESCHONNIC, Henri. **Poétique du traduire**. Paris: Verdier, 1999.

PIMENTEL, D. A. O sol na cabeça, de Geovani Martins: a literatura do morro. O eixo e a roda, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 252-273, abr-jun, 2020. Disponível em: [http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o\\_eixo\\_ea\\_roda/article/view/15771](http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/o_eixo_ea_roda/article/view/15771). Acesso em: 20 jan. 2024.

Data de envio: 14/4/2024

Data de aprovação: 4/11/2024

Data de publicação: 19/12/2025